

# O JOGO DA CAPOEIRA EM JOGO\*

Dr. JOSÉ LUIZ CIRQUEIRA FALCÃO

Doutor em educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) (2004).

Professor adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Integrante do Grupo de Estudos da Capoeira (GECA) e

do Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física (NEPEF).

Sócio Pesquisador do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE).

Email: falcaox@cds.ufsc.br

## RESUMO

*Este artigo analisa o jogo da capoeira a partir do seu desenvolvimento histórico e apresenta subsídios para problematizações acerca do conceito de jogo. As análises aqui apresentadas resultam da confluência de três jogos. O jogo ainda não jogado, ou seja, o que constituiu o percurso investigativo do estudo; o próprio jogo da capoeira, expresso pelo seu controvertido desenvolvimento histórico; e o jogo social, materializado pelas complexas, contraditórias e dinâmicas relações travadas no interior da sociedade capitalista. O jogo da capoeira é influenciado pelo tempo histórico em que se situa, e também, edificado a partir dos interesses e das ações dos sujeitos que, através dele, atuam e disputam poder na sociedade.*

*PALAVRAS-CHAVE: Jogo; cultura; capoeira; capitalismo.*

---

\* Esse artigo sintetiza parte das formulações apresentadas na tese de doutorado, intitulada: *O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana*, defendida pelo autor na Universidade Federal da Bahia, 2004.

## INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos, o jogo da capoeira vem inserindo-se vertiginosamente nos mais diferentes espaços institucionais das médias e grandes cidades do Brasil e em vários países do exterior, consolidando um avanço histórico controverso. Se, por um lado, à época da escravidão, era associado às lutas de negros escravizados em busca da liberdade, por outro, atualmente, ele tem sido vinculado majoritariamente à lógica do “sistema de sociometabolismo do capital” (Mészáros, 2002)<sup>1</sup>, embora em moldes bem diferentes de outras práticas corporais que já nasceram no aporte da “tirania da informação e do dinheiro” (Santos, 2000).

Convém assinalar, entretanto, que o desenvolvimento do jogo da capoeira apresenta contradições importantes que se expressam pela visível expansão e deslocamentos que ele vem operando no contexto nacional e internacional. Nos últimos anos, constatamos a saída de expressivo número de capoeiras<sup>2</sup> para o exterior em busca de melhores condições de sobrevivência que, além de contribuírem, efetivamente, com o seu processo de expansão no mundo, influenciam também na inversão dos fluxos migratórios. No exterior, ainda que submetidos a normas e padrões estipulados pelos seus respectivos grupos e pelo que consideram “tradição”, propagam apaixonantes discursos que realçam o jogo da capoeira à condição de prática “exótica”, “tropical”, “brasileiríssima”.

Postulamos, em consonância com as reflexões de Serpa (2000), que a produção do conhecimento deve subverter as regras do jogo já jogado e construir, a partir de um “jogo jogante”, reflexões que superem entendimentos reducionistas acerca da realidade dos fenômenos sociais.

Nessa perspectiva, as análises aqui efetuadas colocam em tensão alguns conceitos de jogo difundidos entre pesquisadores no campo da Educação Física, como, por exemplo, o de Huizinga (1990, p. 16), para quem o jogo consiste numa “atividade livre, conscientemente tomada como ‘não séria’ e exterior à vida habitual [...] uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro”.

- 
1. Mészáros (2002) argumenta que o sistema de sociometabolismo do capital é muito poderoso, abrangente e incontrolável. Sem a superação do tripé que forma esse sistema articulado, embora assimétrico, capital, trabalho e Estado, é impossível emancipar o trabalho, e que as experiências revolucionárias vivenciadas no século passado, desde a Revolução Russa até as tentativas mais recentes de constituição societal socialista, se mostraram incapacitadas de superá-lo.
  2. Para designar os (as) agentes da capoeira (praticantes, mestres (as), professores (as), militantes etc.), utilizaremos o termo *capoeira* em detrimento do termo capoeirista, por entendermos que o primeiro tem, na cultura, o seu campo privilegiado de ação, enquanto que o termo capoeirista nos sugere uma intervenção mais específica, mais especializada, típica do (a) especialista.

Conforme veremos, a seguir, o jogo da capoeira, ainda que possa ser considerado uma atividade descomprometida, à vontade, sem objetivos práticos e imediatos, ele não está fora da trama social, nem tampouco, está incólume às relações de poder que determinam as condições de vida, a prática social, os desejos e necessidades dos capoeiras em jogo.

## O JOGO DA CAPOEIRA NO JOGO DO CAPITAL

Sou negro forte, da periferia  
meu tataravô foi escravo  
e eu sou escravo hoje em dia...  
Mestre Toni Vargas

Convictos da inextrincável articulação das ações dos sujeitos com a realidade social em que estão inseridos, consideramos oportuno problematizar, inicialmente, um jogo bem mais amplo que o jogo efetuado numa roda de capoeira, mas que nele imprime subliminarmente seus mais poderosos códigos. Trata-se da inserção da capoeira no processo de reestruturação do capitalismo e mundialização do capital.

A crise estrutural desencadeada pelo capitalismo transnacional e seu braço operacional – o neoliberalismo, vem emplacando irreversível destrutividade, como demonstram as condições de vida cada vez mais deterioradas de significativa parcela da humanidade, com tendência já visível a uma total destruição, apesar de convivemos com uma minoria com níveis altíssimos de bem-estar e transformações jamais vistas anteriormente.

O tão decantado processo de “globalização”, centrado no consumo e na reprodutibilidade técnica, contém, em seu movimento, duas tendências contraditórias. De um lado, o capitalismo transnacional (e não genuinamente multinacional) que não reconhece fronteiras nacionais e, de outro, a luta dos Estados-Nação por soberania e autonomia. Nesse enfrentamento, o capitalismo tem-se mostrado muito mais poderoso do que qualquer projeto de Estado-Nação moderno. Segundo Hobsbawm (1995, p. 20), os Estados-Nação viram-se “esfacelados pelas forças de uma economia supranacional ou transnacional e pelas forças infranacionais de regiões e grupos étnicos secessionistas”. Aliás, hoje é impossível imaginar o Estado moderno incólume às forças do capital e este, por sua vez, se utiliza simbioticamente daquele para se reproduzir e alastrar. De acordo com Mészáros (2002, p. 29), “o sistema do capital é formado por elementos inevitavelmente centrífugos (em conflito ou em oposição), complementados não somente pelo poder controlador da

'mão invisível', mas também pelas funções legais e políticas do Estado moderno”.

Se, antes, as empresas capitalistas tinham uma razão social e funções conhecidas, de fácil verificação, cujos proprietários, competentes ou não, tirânicos ou não, eram identificáveis, pois tudo ocorria dentro de uma mesma geografia, em ritmos familiares, com claras, ainda que desastrosas distribuições de papéis, hoje, sob o cajado da virtualidade, da desregulamentação, da automação, da cibernética, das tecnologias de ponta, elas se agrupam em redes entrelaçadas, inextrincáveis, extremamente móveis, que escapam a tudo o que poderia pressioná-las, vigiá-las ou mesmo observá-las (Forrester, 1997).

Esse movimento, jamais verificado, jamais formulado, ainda que subliminarmente construído ao longo dos anos pela terrivelmente longa tradição de eficaz opressão, apesar da resistência de alguns movimentos de massa, vem disseminando, por toda parte, o ideário neoliberal que absorve quase tudo o que ainda não pertence a sua esfera, subtraindo direitos historicamente conquistados, espoliando vidas, massacrando sonhos e promovendo insanas formas de alienação que perderam desde o berço até a sepultura.

Vivemos sufocados por uma avalanche de postulados pós-modernos extravagantes, marcadamente fragmentados, que advoga uma naturalização fatalista do modo de produção capitalista e apregoa o “fim da história”, das ideologias, das utopias e da luta de classes, chegando a propagar que, conforme relata Jameson (1997, p. 11): “hoje é mais fácil imaginar a deterioração total da terra e da natureza do que o colapso do capitalismo tardio [...]”. Subliminarmente, essas construções, essencialmente ideológicas, contribuem, segundo Santos (2000), para agravar a sensação de que não nos resta um outro futuro, senão aquele que nos virá como um *presente ampliado* e não como outra coisa.

As novas tecnologias, articuladas entre si, formam verdadeiros sistemas e, segundo Santos (2000, p. 25), exercem “um papel determinante sobre o uso do tempo, permitindo, em todos os lugares, a convergência dos momentos, assegurando a simultaneidade das ações e, por conseguinte, acelerando o processo histórico”.

Essa convergência dos momentos, tornada possível pelo desenvolvimento tecnológico, diga-se, subordinado ao poder econômico, vem revelando, segundo Santos (2000, p. 129), três tendências: “1. Uma produção acelerada e artificial de necessidades; 2. Uma incorporação limitada de modos de vida ditos racionais; 3. Uma produção ilimitada de carência e escassez”.

Esse quadro configurado pelo sistema capitalista e construído a reboque de maciça ideologização está impondo-se como “uma fábrica de perversidades” e exige, para manter-se, o “exercício de fabulações” (Santos, 2000). Mas, a globalização, nos moldes como se configura na atualidade, não é um fenômeno irreversível.

Cabe edificar, como nos aponta o autor citado anteriormente, um mundo como realidade histórica unitária, ainda que extremamente diversificada. Para construir um novo sentido de felicidade individual e coletiva, a humanidade deve considerar as possibilidades efetivamente criadas a partir das disponibilidades postas pelas condições materiais concretas, em que a política tem papel preponderante na relação disponibilidade/possibilidade. Numa perspectiva otimista, o referido autor advoga a necessidade de integração de duas grandes mutações que ora se encontram em gestação – “a mutação tecnológica e a mutação filosófica da espécie humana” (Santos, 2000, p. 174).

Nesse jogo de realidade e possibilidades, retomamos a nossa principal questão de análise: Qual a relação do jogo da capoeira com esse jogo mais amplo, consubstanciado pelo processo de reestruturação do sistema capitalista que se expressa pela franca destruição das forças produtivas – trabalho e trabalhador?

O jogo da capoeira não está incólume a toda essa avalanche destrutiva e, mesmo que suas influências não se verifiquem de forma imediata nas experiências concretas dos capoeiras na roda, elas incidem, de forma mediata, determinando suas condições de vida, sua prática social, seus desejos e necessidades.

Em comparação com os dias atuais, os capoeiras de outrora tinham uma relação bem diferente com sua prática. Porém, assim como hoje, não constituíam um bloco monolítico e não a cultivavam com a mesma finalidade. Se, no Rio de Janeiro, eles tinham uma vinculação forte com as maltas, as brigas de rua e a política do Segundo Reinado, em Salvador, eles tinham uma relação amistosa com os botecos, com as quitandas, que, por sua vez, beneficiavam-se de suas artísticas manobras para atrair fregueses (Abreu, 2003).

Antigamente, eram os trapicheiros, carroceiros, estivadores, carregadores, vendedores ambulantes e também desempregados, que se reuniam próximo aos botecos, às praças e largos a tagarelarem, a beberem e jogarem, utilizando o jogo da capoeira como atividade de lazer ou de disputa de espaço, hoje, é comum se ver ex-bancários, ex-metalúrgicos, ex-representantes de vendas etc., demitidos de suas empresas, utilizando esse mesmo jogo como trabalho, como uma opção profissional, como um modo de sobreviver. Somado a esse contingente, encontra-se expressivo segmento de jovens que vislumbra, por intermédio do jogo da capoeira, uma possibilidade de emprego nem sempre possível nas instituições e empresas convencionais.

Se a fonte de trabalho, desfigurada na forma de emprego, está secando nos países que seguem o ideário capitalista, e o desemprego não para de aumentar, muitos capoeiras lutam para fugir da humilhação e da vergonha a que são submetidos. Eles ousam correr riscos, como aventureiros impacientes a encarar a realidade

brutal e transformam suas filosofias de vida, seus lazeres e suas habilidades em possibilidades de sobrevivência para enfrentar o mal-estar e o infortúnio gerado pela curva sempre crescente de desemprego. Esse novo “trabalhador da capoeira”<sup>3</sup> é o responsável pela edificação de uma diferente roupagem para esse jogo a partir de sua inserção no labiríntico mundo das ocupações que compõem o chamado mercado não-formal.

Mesmo de forma precarizada, mas com grandes pitadas de criatividade, esses “profissionais” utilizam-se desse jogo cultural para manterem-se vivos e buscam as mais inusitadas possibilidades para escapar da sina daqueles que, considerados pela maioria como os grandes mestres da capoeira, morreram em situação de miséria absoluta. Mestres como Pastinha, Bimba, Valdemar da Liberdade e outros<sup>4</sup>, que “experimentaram a encruzilhada da fome com a fama” (Areu, 2003, p. 14), apesar de tornarem-se os grandes referenciais da capoeiragem no século XX são, para as novas gerações de capoeiras, produtos de uma condição de exploração da qual estas tentam se esquivar.

Esse tratamento do jogo da capoeira como atividade laboral vem contribuindo para uma ressignificação de suas características originárias e incidindo, direta ou indiretamente, nas suas demais formas de tratamento.

Como o jogo dos capoeiras se afina com o jogo mais geral do capital? Podemos dizer que o próprio processo de organização dessa manifestação encarna a lógica onipresente do sistema que se instalou em todas as esferas da vida social.

Atualmente, significativa parcela dos grupos de capoeira do Brasil está organizada e estruturada na lógica empresarial. Em geral, esses grupos investem significativamente na formação dos futuros quadros que atenderão a uma demanda sempre crescente de interessados por essa manifestação. O que se verifica, portanto, é a transformação dos grandes grupos em empresas, no estilo de franquias, para atender às “exigências” do mercado e terminam transformando-se em grandes

---

3. Denominamos de “trabalhador da capoeira”, todo aquele que se utiliza do jogo da capoeira como instrumento de trabalho com vistas à própria subsistência.

4. Mestre Pastinha (1889-1981) - principal guardião da Capoeira Angola, fundou em 1941 o Centro Cultural e Esportivo de Capoeira Angola, em Salvador. Faleceu cego e esquecido. Mestre Bimba (1899 – 1974) fundou a primeira academia de capoeira do Brasil e foi o criador da Capoeira Regional, um estilo de capoeira mundialmente conhecido. Faleceu pobre, lutando por melhores condições de vida, em Goiânia-GO. Mestre Waldemar da Liberdade – conduziu nas décadas de 1940 e 1950, aos domingos, a roda de capoeira que se tornou o mais importante ponto de encontro dos capoeiras de Salvador, onde o escritor Jorge Amado e o fotógrafo Pierre Verger “se alimentavam culturalmente” (Abreu, 2003, p. 43). Morreu, em 1990, na pobreza, como tantos outros capoeiras célebres.

corporações, constituídas como instituições jurídicas, que aglutinam expressivo número de integrantes (alguns chegam a ter mais de dez mil filiados).

Os grupos de capoeira vêm contribuindo para a consolidação de um “emergente” mercado capoeirano, seja por meio de aulas em academias de ginástica, seja mediante oficinas, cursos e “*workshops*” ministrados por mestres e professores, inserindo, cada vez mais, essa manifestação na lógica do mercado, que constitui a principal esfera de divulgação da capoeira em geral.

Além dos grupos, começam a expandir-se, no âmbito da capoeira, as entidades corporativas, como é o caso das federações e ligas, que, em maior ou menor grau, também operam com essa manifestação sob a batuta financeira. Esse modelo organizacional tem-se incorporado tanto no âmbito da capoeira que alguns grupos já formaram suas próprias federações, como é o caso da Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte Capoeira (Abada).

Nessa lógica de organização da capoeira (grupos, federações, ligas etc.), podemos identificar a proeminência de dois fenômenos inerentes à sociedade capitalista já verificados em outras manifestações da cultura corporal como, por exemplo, a ginástica, a dança e algumas lutas orientais, quais sejam: a mercadorização e a esportivização que, por sua vez, apresentam como características intrínsecas a racionalização, a cientifização e a competição (Kunz, 1994).

Hoje, em praticamente todas as expressões da cultura corporal, o movimento humano transformou-se em mercadoria, por força da mídia, que determina o seu consumo à revelia, estimulando a sua auto-reprodução. Entretanto, um jogo, uma dança, uma luta etc., são situações históricas em que transcorrem subjetividades e relações objetivas particulares que lhes dão sentido. O movimento corporal humano é uma atividade inserida no mundo da cultura e constitui-se num conjunto de elementos objetivos (ato motor, estilo, técnica, tática etc.) e subjetivos (sensações, emoção, representação intelectual, imaginação etc.) que, para encaixar-se nos cânones da reprodutibilidade técnica e da produção seriada, típica do modo de produção capitalista, precisa ser alterado na sua essência.

Podemos verificar, portanto, que o jogo da capoeira se insere de forma conflituosa e contraditória no jogo da reestruturação do capitalismo e da mundialização do capital, a partir de várias possibilidades de “inclusão” em suas “sedutoras” esferas, ressignificando e sendo ressignificado a partir de experiências concretas.

Convictos de que a explicação do jogo da capoeira transcende o imediato, e que a particularidade e universalidade se articulam em relações mediatas e contraditórias, determinando o agir humano, portanto, histórico, consideramos oportuno colocar esses aspectos em jogo, a fim de buscarmos elementos significativos para pensarmos esse jogo cultural a partir de uma visão de totalidade.

## A INTERNACIONALIZAÇÃO DO JOGO DA CAPOEIRA

Quando muitos capoeiras brasileiros começaram a sair do país, a partir do início da década de 1970, para “ganhar o mundo” e trabalhar em grupos folclóricos no exterior, em busca de apoio e reconhecimento, não tinham idéia da magnitude que esse fenômeno viria a ter três décadas mais tarde. No início, tudo era muito difícil e a rua era, freqüentemente, o único espaço que eles encontravam para expressar sua arte ou para manter contatos com outros artistas do cotidiano, como palhaços e malabaristas das mais diversas origens. Nas grandes cidades dos Estados Unidos e da Europa, eles começaram a dar visibilidade a essa “arte tropical”, influenciando outros movimentos da cultura de rua, como o *break*, por exemplo, que surgiu nos Estados Unidos, na década de 1980 e, logo depois, espalhou-se pelo mundo.

Uma questão importante coloca-se nesse aspecto. Quais as principais características e contribuições desse movimento de internacionalização para o desenvolvimento e resignificação do jogo da capoeira?

O principal motivo da saída de uma avalanche de mestres, professores e iniciados em capoeira para o exterior é determinado por fatores econômicos e está relacionado com a busca de melhores opções de trabalho, reconhecimento e prestígio. Em contrapartida, influenciadas por diferentes perspectivas, expressivas levadas de capoeiras estrangeiros desembarcam nos aeroportos brasileiros para participar de eventos em diversas capitais brasileiras.

Convém destacar que o grande interesse dos estrangeiros pela capoeira se desdobra imediatamente em dois desejos, conhecer o Brasil e falar o português. Aliás, falar português nas aulas de capoeira é um requisito que opera como uma espécie de “selo de qualidade” e vem contribuindo para abrir campos de trabalhos antes impensáveis. O *Hunter College*, uma das mais tradicionais faculdades de Nova York, já oferece cursos regulares de português, em decorrência da demanda provocada pela capoeira (Nunes, 2001, p. 3).

Nesse complexo movimento, o jogo da capoeira vem conquistando e construindo espaços de interlocução nos mais diversos rincões do planeta. Além da internet, os filmes também têm contribuído para esse processo, como, por exemplo, as produções americanas, *Only the Strong Survive* (no Brasil recebeu o título agressivo de *Esporte Sangrento*) e *Roof Tops*, que conseguiram emplacar uma maior difusão desse controvertido jogo.

O movimento de difusão da capoeira no contexto mundial é mais visível e intenso em direção aos Estados Unidos e à Europa. Essa exportação não convencional (na forma de um símbolo étnico), que se expressa pelo movimento de saída



de capoeiras do Brasil para trabalharem em outros países, assume dimensões complexas e controvertidas. Um aspecto muito evidente está relacionado com o processo de formação do “profissional” que irá atuar em terras longínquas. Ironicamente, propaga-se no meio capoeirano, que os aviões da *Varijé* e da *TAP* (companhias aéreas) se tornaram verdadeiras academias de capoeira. Muitos embarcam no Brasil como discípulos e, após algumas horas de vôo, desembarcam no exterior como “consagrados mestres”.

A despeito desses arranjos inevitáveis, é importante reconhecer que o jogo da capoeira ganhou o mundo e se transformou num dos veículos mais significativos de inserção da cultura brasileira no exterior. Como uma espécie de “embaixador” do Brasil, termina auxiliando os órgãos oficiais de turismo, como a Embratur, no seu processo de divulgação.

Esse processo de internacionalização do jogo da capoeira vem contribuindo para a resignificação de algumas “bandeiras” cultivadas e defendidas por seus precursores, como a oralidade, o improviso, a “mandinga” e a resistência cultural. Outras categorias mais “sintonizadas” com o momento atual, tais como, “mercadoria étnica”, “folia de espírito”, “malhação”, “espetacularização” etc., passam a fazer parte de seus “fundamentos” (Vassalo, 2003).

Estamos presenciando a construção de uma diáspora brasileira, e o jogo da capoeira insere-se, indubitavelmente, como um dos carros chefes desse processo. O fato é que ele vem se expandindo em escala geométrica por todo o globo, e o incremento desse movimento de internacionalização tem ocorrido em comunhão com outros símbolos da cultura brasileira, como o carnaval, o samba, o pagode etc. É possível afirmar que essa diáspora brasileira se constrói sob os ditames da “globalização econômica” que produz uma brasilidade idealizada, construída por cima e ao largo das gritantes diferenças culturais e econômicas que moldam a realidade concreta do povo brasileiro.

Na Europa, nos últimos trinta anos, o jogo da capoeira adquiriu expressiva densidade, mas no começo, tudo era muito difícil pela falta de informação sobre o que realmente significava. O depoimento do Mestre Barão, que desenvolve um conhecido trabalho de capoeira em Porto, ao norte de Portugal, serve para ilustrar esse complexo e conflituoso movimento<sup>5</sup>:

Eu nasci perto de Aracaju, em Itaporanga d’Ajuda, lá no meio do mato, numa família humilde, mas honesta também. Depois fomos para Santos-SP, morar lá no Nova Sintra,

---

5. Os depoimentos aqui registrados foram coletados durante estágio de doutoramento realizado na Europa no ano de 2003.

no morro. A gente morava numa casinha humilde, morava num quarto onde todo mundo dormia junto. Depois eu ia estudar, depois das aulas eu ia vender doce no ponto final dos ônibus, em Santos. Vender bananinha para ajudar minha família, né. Depois eu parei de vender doce e fui trabalhar com um português, carregando lavagem nas costas de domingo a domingo. Depois fui trabalhar na oficina, aprender a função de mecânico. Aí, estudei. Depois fiz um concurso, entrei nas docas. Aí, ganhei uma passagem e vim cair aqui em Portugal. Cheguei aqui em 1994. Tenho nove anos aqui. E faço também um trabalho social porque eu gosto de ajudar as crianças mais carentes porque é importante você fazer uma criança sorrir, não só no Natal, mas também no ano todo [...] (Mestre Barão, comunicação pessoal, Porto, 8 de junho de 2003).

Mestre Umoi, que há treze anos reside em Portugal, destacou que, no início, teve que dar aula na rua para convencer as crianças a fazerem capoeira. Dizia que iria ensiná-las a “dar pernadas”. Segundo ele, precisou utilizar dessa possibilidade para levar os “miúdos” a se interessarem pelas “pernadas do Brasil”.

Quando eu cheguei aqui, em agosto de 1990, pelo menos na região da Grande Lisboa, onde eu me instalei, não tinha capoeira. Ninguém tinha conhecimento do que era capoeira e, claro, eu vim pra cá na tentativa mesmo de ensinar a capoeira. Comecei a procurar as academias aqui e a primeira reação dos donos das academias geralmente era que não queriam nada com galinheiros aqui em Portugal, porque capoeira aqui em Portugal significa galinheiro. Então isso dificultou muito o início do trabalho aqui (Mestre Umoi, comunicação pessoal, Lisboa, 27 de junho de 2003).

O fato é que o jogo da capoeira, com esse “carimbo” de Brasil, embutido em suas cantigas e fundamentos, ramificou-se e expandiu-se significativamente e tem servido, atualmente, como veículo de agregação (às vezes, de desagregação) de povos de vários cantos do mundo, adquirindo, assim, uma identidade supra-nacional. O Mestre Umoi, já citado, nos afirmou:

A capoeira está quebrando a barreira do oceano que divide o Brasil, a África, a Europa, a América do Norte. A capoeira é do capoeirista. E a gente já tem muitos bons capoeiristas aqui na Europa. Você vê muito angoleiro alemão jogando uma Angola tão boa e até melhor do que muito capoeirista que nunca saiu de Salvador, que nunca saiu do Brasil. Aí você fala. Ah! é porque é alemão? Não, é porque é capoeirista (Mestre Umoi, comunicação pessoal, Amsterdã, 18 de agosto de 2003).

Ao fazer análise das experiências dos capoeiras em Paris, Vassallo (2003) afirma que seus fundamentos estão articulados com o que consideram ser a cultura brasileira. Essa articulação incluiria “o domínio da língua portuguesa, bem como as danças, o ritmo e, sobretudo, a visão de mundo característicos daqui” (idem, p. 8-9). Os capoeiras franceses desprovidos desses fundamentos, “são acusados de re-

produzir mecanicamente a capoeira, sem conhecer os seus verdadeiros significados. Assim, são comparados ao bambu que é belo por fora, mas oco por dentro” (idem, p. 9).

Interessante notar que esse “fundamento” é uma construção discursiva, portanto, simbólica, permeada de relações de poder e constitui-se num amálgama que mistura o formal e o informal, o sagrado e o profano, o científico e o senso comum, o erudito e o popular, o coletivo e o individual, a tradição e a modernidade e consolida processos identitários para além de componentes lingüísticos, étnicos, de território e de nação.

A chegada dos professores de capoeira na Europa, geralmente, é marcada por muita frustração e dificuldade. O depoimento do Mestre Matias, mineiro, que se mudou para a Suíça em 1989 e, atualmente, desenvolve trabalhos em várias cidades daquele país, faz coro com muitas outras experiências de mestres e professores que se “jogaram” em busca de melhores horizontes.

Foi muito dura a chegada na Suíça, ralei muito, toquei berimbau na neve, nas estações de trem, entendeu, porque os capoeiristas que tinham lá não faziam roda de rua. Eu ia para a rua sozinho, às vezes tocava o meu berimbau, tentava saltar, às vezes fazia coisas malucas e também era um modo de me libertar. O berimbau era o meu companheiro. Era o modo de eu me livrar daquela angústia, daquela saudade, daquela vontade de estar no Brasil, no meio dos alunos, dos colegas. Aquele país frio, você chega e toma aquele choque, não conhece ninguém, porque a língua é outra. Então foi uma barra enorme que eu enfrentei, mas, graças a Deus, eu superei tudo isso e hoje eu não vou dizer que falo perfeito o alemão, porque eu moro na parte alemã, mas falo bem (Mestre Matias, comunicação pessoal, Madrid, 29 de junho de 2003).

Com as novas e severas leis de controle imigratório adotadas pelos países europeus, passar pela alfândega é uma vitória aclamada em conversas de bastidores de eventos. Geralmente, os professores imigrantes chegam nos aeroportos com vistos de turistas e muitos apetrechos de capoeira (berimbau, pandeiros, uniformes etc.) que, via de regra, causam desconfiança da polícia alfandegária.

Para aqueles que conseguem passar por essa primeira barreira, deparam-se com outras dificuldades similares a do Mestre Umoi, cujo depoimento explicita uma atribulada realidade.

Então, foi assim. No início foi uma fase muito negativa que eu tive aqui em Portugal. Porque juntou tudo. O meu pai morrendo lá no Brasil, eu aqui desempregado, vivendo sem dinheiro e veio aquela fase, a do pãozinho com água. Que foi uma fase que hoje em dia eu conto isso com piada, com graça, porque, realmente, é uma escola, é um exercício de humildade. Mas, aqui em Portugal, eu comi *pão com água!* Não era água com açúcar

porque não tinha açúcar. Era pão com água mesmo. Mas, assim... acreditando que essa bodega podia um dia dar certo (Mestre Umói, comunicação pessoal, Lisboa, 27 de junho de 2003).

O fato é que, a despeito de freqüentes desesperos e até deportações, muitos professores de capoeira vislumbram a possibilidade de conquistar, no exterior, o *status* e o reconhecimento que provavelmente jamais conseguiriam no Brasil. “Eu sou um pássaro”, “ninguém me segura”, “já me sinto lá”, eram frases prontas, freqüentemente proferidas por um dinâmico professor recifense, que, apesar de ter sido deportado pelo serviço alfandegário de Portugal, retornou, via Espanha, para as terras lusitanas, e vem levando a vida como uma grande aventura mesclada de flutuações e incertezas nebulosas, mas com muita arte e alegria contagiante.

O que me tirou do Brasil foi a violência, não foi a falta de dinheiro. A violência da política, a violência da televisão, a violência das drogas, a violência da rua. Foi isso que me afastou do meu país. Não foi pra buscar dinheiro aqui na Europa não, porque o dinheiro você ganha lá também. Tem pessoas superfelizes com capoeira no Brasil dando aula que não precisaram sair do Brasil para ir a lugar nenhum. Hoje eu estou aqui, ando para todos os lados, não tenho preocupação com nada. Se eu vou acordar amanhã bem ou mal. Mas é isso aí... O que me fez vir pra Europa foi justamente isso. No Brasil, a gente anda muito inseguro, dentro do ônibus, dentro do cinema, dentro do shopping, numa praia. Aonde você vai, você tem insegurança. E aqui na Europa você tem total segurança e liberdade. É só isso (Instrutor ET, comunicação pessoal, Lisboa, 25 de agosto de 2003).

Para garantir a subsistência, muitos jovens professores de capoeira, com pouca prudência e muita audácia, rodopiam em busca de trabalho e se “jogam” com esportividade em experiências, as mais inusitadas possíveis, realizando exposições em praças e estações de metrô, assim como em espetáculos culturais disseminados nos grandes centros turísticos. Inserem-se, dessa forma, no reino da mercadoria em que poucos têm a sorte de encontrar um comprador. Aliás, muitos deles são as próprias mercadorias a serem moldadas pelos caprichos dos abastados.

Outro aspecto a destacar a partir das experiências dos capoeiras brasileiros na Europa diz respeito ao fato de esta manifestação cultural aglutinar, por intermédio dos concorridos eventos, pessoas oriundas de diferentes camadas sociais em um mesmo espaço de convívio. Em geral, um mestre ou professor alterna trabalhos em espaços nobres com os chamados “trabalhos sociais”. Via de regra, nos finais de semana, ou nos eventos, os integrantes desses diferentes “espaços” encontram-se e confraternizam-me em movimentadas rodas.

O Mestre Barão transita, com suas aulas de capoeira, em universos aparentemente inconciliáveis da Cidade do Porto, no norte de Portugal.

Eu dou aula no bairro Lagarteiro, um bairro bem complicado. É um bairro social que o pessoal chama aquilo lá de inferno. Dou aula também para ciganos num outro bairro também complicado do Porto. Eu estou lá fazendo um trabalho social com eles. Saio desse bairro social e vou para um ginásio que treina só ricos, que é só empresários (Mestre Barão, Comunicação pessoal, Porto, 08 de junho de 2003).

Pode-se constatar, em relação aos professores de capoeira na Europa, que a passagem de uma (sobre)vida a “pão-com-água”, a uma vida a “pão-de-ló”, não ocorre na lógica de uma transição linear. Ao contrário, suas trajetórias são essencialmente labirínticas e oscilatórias e, nas urdiduras da vida, eles são expostos a constrangimentos e barreiras abruptas, numa espacialidade antropológica fragmentada.

Enfim, a condição de muitos professores brasileiros que se jogaram para o exterior (ou foram expulsos pela recessão econômica) é visivelmente bem melhor do que se estivessem trabalhando com capoeira no Brasil. O depoimento de um mestre, que vive na Suíça, por ocasião de um evento realizado em Madrid, ilustra sua condição de privilegiado:

Se eu tivesse no Brasil, como eu conheço muita gente até hoje do tempo que eu saí, eles estão do mesmo jeito ou às vezes até pior. Então eu não tenho ressentimento do que eu fiz. Quer dizer, financeiramente, eu já consegui algumas coisas no Brasil, algumas propriedades, entendeu? Caso fosse para eu voltar hoje ou amanhã pro Brasil, eu já tenho o meu pezinho-de-meia (Mestre Matias, comunicação pessoal, Madrid, 29 de junho de 2003).

As experiências bem-sucedidas responsáveis por esse “pezinho-de-meia”, inspiram os compositores da capoeira, como retrata, por exemplo, o refrão de uma cantiga do Mestre Barrão (natural de Pernambuco), que, atualmente, coordena, a partir do Canadá, um enorme grupo de capoeira com filiais em vários países do mundo.

Capoeira é uma arte  
Que mexe com o corpo e com a cabeça  
Faz o pobre virar nobre  
Faz com que seu mundo cresça...  
(Mestre Barrão, vol. IV, Grupo Axé Capoeira)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da análise desse intrincado e rico movimento do jogo da capoeira, foi-nos possível depreender que:

1. A capoeira consolidou-se como manifestação interétnica e o seu processo de internacionalização, verificado a partir da década de 1970, vem contribuindo para uma ressignificação dos seus sentidos/significados.
2. Os grandes grupos responsáveis pelo atual processo de expansão da capoeira, apesar de promoverem uma intensa dinamização dessa manifestação cultural, têm disseminado uma estética crescentemente performática e espetacularizada, alimentada pelos veículos de comunicação que reproduzem, na maioria dos casos, os interesses do capital.
3. As experiências desenvolvidas com o jogo da capoeira no exterior desafiaram a fragilidade dos discursos que, ingenuamente, a tratam como um jogo apropriado a determinadas camadas da população e vinculado a grupos étnicos específicos.
4. A complexidade e a dinamicidade da capoeira evidenciam-se na intensificação do seu processo de internacionalização, cuja mobilidade se expressa, horizontalmente, pelos trânsitos e fluxos dos capoeiras em todo o mundo e, verticalmente, pela possibilidade concreta de ascensão na, sempre, estratificada sociedade.

Conforme foi visto, a experiência histórica do jogo da capoeira é conflituosa, densa, dinâmica e contraditória. Embora tenha se tornado refém, como mercadoria, dos interesses do capital, consolidou, no calor das contradições do seu desenvolvimento histórico, saberes significativos que têm despertado o interesse de muita gente ao redor do mundo.

Pode-se verificar que, tal como outras práticas significativas, o jogo da capoeira é condicionado por valores e regras sociais que influenciam na materialização de sua forma/conteúdo. Como construção social, que permanentemente se manifesta, e como manifestação cultural que permanentemente se constrói, o jogo da capoeira é influenciado pelo tempo histórico em que se situa, e também, edificado a partir dos interesses e das ações dos sujeitos que, por meio dele, atuam e disputam poder na sociedade. Se, outrora ele era carregado de irreverência, surpresa, malícia, improvisação e imprevisibilidade, atualmente ele tem se apresentado mais sintonizado com outras categorias típicas do ideário neoliberal, como espetacularização, racionalização, competição e performance.

O jogo da capoeira não é uma "ilha cultural" que se explica por si e para si. Ele somente poderá ser compreendido em sua totalidade a partir da noção de unidade cultural, ou seja, de um fundo cultural comum, por meio do qual pode-se captar a essência da produção da vida de homens e mulheres concretos.

As análises aqui efetuadas nos levam a depreender que os dilemas particulares engendrados numa determinada prática (num determinado jogo) relacionam-se com os dilemas mais amplos presentes na sociedade e, de alguma forma, colocam em questão alguns conceitos de jogo, como o de Huizinga (1990), que o entende como uma realização que não tende a realizar nada para além de si mesma.

### The game of capoeira in play

*ABSTRACT: This article analyzes the game of capoeira from the perspective of its historical development and presents aids for problematizing the concept of game. The analyses presented here result from the confluence of three games: the game not-yet-played, in other words, that which constituted the investigative course of the study; the game itself of capoeira, explicit through its controversial historical development; and the social game, embodied in the complex, contradictory and dynamic relations within the capitalist society. The game of capoeira is influenced by the historical time in which it is situated, and also constructed out of the interests and actions of the subjects which, through it, act and vie for power in society.*

*KEY-WORDS: Game; culture; capoeira; capitalism.*

### El juego de la capoeira en juego

*RESUMEN: Este artículo analiza el juego de capoeira a partir de su desarrollo histórico y presenta ideas para problematizar el concepto de juego. Los análisis aquí presentados resultan de la convergencia de tres juegos: el juego aún no jugado, o sea, el que constituyó el transcurso investigativo de este estudio; el propio juego de capoeira, expresado en su controvertido desenvolvimiento histórico; y el juego social, materializado en las complejas, contradictorias y dinámicas relaciones ocurridas en el interior de la sociedad capitalista. El juego de capoeira está influenciado por el contexto histórico en el cual se sitúa, y también, está construido a partir de los intereses y las acciones de los sujetos que, a través de él, actúan y disputan el poder en la sociedad.*

*PALABRAS CLAVES: Juego; cultura; capoeira; capitalismo.*

### REFERÊNCIAS

ABREU, F. J. *O barracão do mestre Waldemar*. Salvador: Organização Zarabatana, 2003.

FORRESTER, V. *O horror econômico*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (Unesp), 1997.

HOBBSAWM, E. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

- HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. Trad. de João Paulo Monteiro. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- JAMESON, F. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.
- KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí Editora, 1994.
- MÉSZÁROS, I. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. Trad. Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002.
- NUNES, V. Capoeira *made in NYC*. *Correio Braziliense*. Brasília, Caderno Coisas da Vida, p. 1 e 3, 13 mar. 2001.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SERPA, L. F. P. Pedagogia da diferença: desafios do ensino superior. In: SEMINÁRIO EDUCA, 2000. Salvador, *Anais...* Salvador: Ed. da UFBA, 2000.
- VASSALLO, S. P. A transnacionalização da capoeira: etnicidade, tradição e poder para brasileiros e franceses em Paris. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 5., 1998, Florianópolis, *Anais...* Florianópolis, 30 nov. a 3 dez. 2003.

Recebido: 6 jun. 2005

Aprovado: 7 jul. 2005

Endereço para correspondência  
Dr. José Luiz Cirqueira Falcão  
Servidão das Vassouras, n. 65  
Canto da Lagoa  
Florianópolis - SC  
CEP 88062-272